



**HAL**  
open science

## Jornalismo e conflito: o ethos discursivo do correspondente de guerra da Folha de S.Paulo

Gisela Cardoso Teixeira

► **To cite this version:**

Gisela Cardoso Teixeira. Jornalismo e conflito: o ethos discursivo do correspondente de guerra da Folha de S.Paulo. II CONEC: Interação e Miatização - Congresso Nacional de Estudos Comunicacionais, PUC Minas Poço de Caldas, Oct 2017, Poço de Caldas, Brazil. pp.259-269. hal-04439133

**HAL Id: hal-04439133**

**<https://hal.science/hal-04439133>**

Submitted on 5 Feb 2024

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Copyright

JORNALISMO E CONFLITO:<sup>1</sup>  
o ethos discursivo do correspondente  
de guerra da Folha De S.Paulo  
JOURNALISM AND CONFLICT:  
the discursive ethos of the war correspondent of Folha De S.Paulo  
Gisela Cardoso Teixeira<sup>2</sup>

**Resumo:** *Este estudo pretende fazer uma análise da projeção do ethos discursivo do jornalista de guerra em suas narrativas, atentando-se também à influência de seu veículo comunicacional na constituição de sua representação de si. Mais especificamente, busca-se observar a questão da credibilidade e legitimidade que seu público-leitor pode atribuir ao jornalista por meio dos elementos discursivos constitutivos das narrativas, além das proximidades e distanciamentos dos ideais da objetividade e imparcialidade que giram em torno do imaginário do ethos jornalístico. Então, para a pesquisa, são analisadas três reportagens de diferentes jornalistas da Folha De S.Paulo: Leão Serva (Guerra da Bósnia), Sérgio Dávila (Guerra do Iraque) e Samy Adghirni (Guerra Civil Líbia). Sendo assim, procure-se observar então como as noções teóricas a respeito do ethos discursivo e ethos jornalístico ajudam a configurar uma possível representação de si do correspondente de guerra nos textos do jornal em questão.*

**Palavras-Chave:** *Correspondente de guerra. Jornalismo de guerra. Ethos.*

## Introdução

Na linguagem jornalística, considera-se “correspondente” o jornalista residente em um local onde não está a sede de seu órgão de comunicação social, tendo como tarefa a produção de informação específica sobre temas e acontecimentos da área geográfica de sua dependência. Neste aspecto, surge então a figura do correspondente internacional que, dentro ainda dessa especificação, pode ser um correspondente de guerra.

De acordo com Mitchell (2002), o correspondente de guerra é um cargo tão antigo quanto o próprio jornalismo. Pois, desde a antiguidade, era comum que relatórios fossem escritos durante e no fim dos conflitos. Assim, dentro da perspectiva profissional, o cor-

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Discurso do 2º. CONEC: Congresso Nacional de Estudos Comunicacionais da PUC Minas em Poços de Caldas, 30 e 31 de outubro de 2017.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestranda em Estudos de Linguagens no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: [gisagrind@gmail.com](mailto:gisagrind@gmail.com).

respondente de guerra é o jornalista que cobre acontecimentos diretamente de uma zona de conflito. Com isso, segundo Kepplinger (1991), essa é a forma mais perigosa de jornalismo.

Então, este artigo pretende fazer uma análise da projeção do *ethos* discursivo do jornalista de guerra em suas narrativas, atentando-se também à influência de seu veículo comunicacional na constituição de sua representação de si. Mais especificamente, busca-se observar a questão da credibilidade e legitimidade que seu público-leitor pode atribuir ao jornalista por meio dos elementos discursivos presentes nas narrativas, além das proximidades e distanciamentos dos ideais da objetividade e imparcialidade que giram em torno do imaginário do *ethos* jornalístico. Então, para a pesquisa, são analisados três reportagens de diferentes jornalistas da *Folha de S.Paulo*: Leão Serva, Sérgio Dávilla e Samy Adghirni.

Leão Serva foi um enviado especial da *Folha* à Guerra da Bósnia (1992-1995) em que, além de reportar os acontecimentos factuais, também produziu uma espécie de “diário da guerra”, inserindo-se em sua narrativa para contar ao leitor a respeito do cotidiano em uma zona de conflito. Já Sérgio Dávilla foi o único repórter brasileiro em Bagdá durante a Guerra do Iraque (2003-2011), junto com o fotógrafo Juca Varella. A experiência lhe rendeu o Prêmio Esso de Reportagem 2003 e o livro “Diário de Bagdá – A Guerra do Iraque segundo os bombardeados”. Samy Adghirni, por sua vez, também é um jornalista experiente em conflitos armados, sendo o correspondente da *Folha* em Teerã, no Irã. A sua reportagem selecionada para esta análise é parte de sua cobertura da Guerra Civil Líbia (2011), em que relata a respeito do cotidiano dos refugiados na Tunísia.

O jornalismo de guerra pode ser considerado uma vertente da editoria internacional. No entanto, possui características distintas das demais especializações jornalísticas, tais como:

os textos utilizam uma linguagem indireta, tendendo a estrutura de notícia de guerra a desviar-se da pirâmide invertida para seguir um estilo mais próximo da grande reportagem. O fator ‘choque’ e o apelo às emoções está intimamente ligado às notícias de guerra, sendo recorrentes fotografias, textos, títulos e histórias de civis que apelem à emoção. Os exclusivos de guerra e os relatos dos enviados especiais de cada publicação recebem um destaque acrescido (CARVALHO, 2013, p.20).

Sendo assim, vale observar como esses aspectos do jornalismo de guerra se refletem no *ethos* discursivo do correspondente, levando também em consideração o *pathos* como elemento que colabora na constituição desse *ethos* específico.

Antes da análise em si, neste trabalho são expostas algumas noções gerais acerca do *ethos* discursivo, considerando também a sua dimensão pré-discursiva e sua relação com os atributos reais, principalmente no que se refere às experiências vividas pelo autor. Além disso, é importante falar a respeito de alguns fundamentos acerca do *ethos* jornalístico, como a questão da ética e a imagem de si enquanto instituição.

Em seguida, busca-se analisar então como esses conceitos teóricos do *ethos* discursivo e *ethos* jornalísticos ajudam a configurar uma possível representação de si do correspondente de guerra nos textos de jornal, atentando-se aos seus elementos e estratégias para levar os acontecimentos dos campos de batalha o mais perto possível de seu público-leitor.

## O *ethos* em sua dimensão discursiva

A comunicação argumentativa supõe um orador, um auditório e um discurso. Em relação à dimensão do orador, está o *ethos* – ou seja, o caráter do enunciador que pode ser constituído em seu discurso pelo público. Lembrando os componentes da antiga retórica, Roland Barthes define o *ethos* como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu jeito [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo” (BARTHES, 1970). O autor retoma assim as ideias de Aristóteles, que afirmava em sua retórica: “é [...] ao caráter moral que o discurso deve, eu diria, quase todo seu poder de persuasão”.

Persuade-se pelo caráter [=ethos] quando o discurso tem uma natureza que confere ao orador a condição digna de fé; pois as pessoas honestas nos inspiram uma grande e pronta confiança sobre as questões em geral, e inteira confiança sobre as que não comportam de nenhum modo certeza, deixando lugar à dúvida. Mas é preciso que essa confiança seja efeito do discurso, não uma previsão sobre o caráter do autor (ARISTÓTELES, 1967 apud MAINGUENEAU, 2008).

Também baseada nos estudos de Aristóteles, Amossy (2005) diz que “o lugar que engendra o *ethos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante às escolhas feitas por ele”. Assim sendo, para que o enunciador consiga persuadir seu auditório, ele deverá utilizar as três características produzidas através do discurso: o *logos*, *ethos* e *pathos*<sup>3</sup>.

No caso do jornalismo, o *logos* (argumento) seria o próprio discurso, as estratégias discursivas e de apuração que sustentam os fatos enquanto notícia. Já o *ethos* seria a autoimagem que o jornalista projeta perante o seu público-alvo; e o *pathos* (paixão), voltado para o sentimento, em que o jornalista tenta atingir os valores e sentimentos do público para convencê-lo a respeito da informação transmitida.

Porém, sob o ponto de vista de Maingueneau (2008), a noção de *ethos* não se limita a uma questão de persuasão que suscita a adesão do outro. Para o autor, é possível também associar esse conceito à noção de competência na qual se figura o fiador que confere uma identidade de acordo com o contexto em que pretende se legitimar. Então, é necessária uma adequação do conteúdo ao seu contexto.

Maingueneau (2008) também considera importante estabelecer uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo. O *ethos* pré-discursivo corresponde à imagem que o público constrói do enunciador antes mesmo que ele fale – o que a Amossy

<sup>3</sup> Uma vez que o *ethos* se refere às características do orador que podem influenciar o processo de persuasão, o *pathos* diz respeito ao apelo ao lado emocional do público-alvo, enquanto o *logos* se trata da argumentação do conteúdo do discurso. Segundo as ideias aristotélicas, esses são os três aspectos fundamentais na persuasão.

(2005) denomina de *ethos* prévio. Já o *ethos discursivo* se refere à imagem que se constrói do orador a partir de seu discurso. No caso de um texto escrito, é possível delimitar o que emerge do discurso já que, na maioria das vezes, o leitor não tem contato com os elementos extralinguísticos. Ou seja, o *ethos* do texto escrito é identificado através das manifestações diversas dos tons, que são a representação dos enunciados do interlocutor.

Supõe-se que podemos delimitar o que decorre do discurso; mas isso é muito mais evidente para um texto escrito do que para uma situação de interação oral. Há sempre elementos contingentes em um ato de comunicação, em relação aos quais é difícil dizer se fazem ou não parte do discurso, mas que influenciam a construção do *ethos* pelo destinatário (MAINGUENEAU, 2008, p. 16).

Ainda para Maingueneau (2002), a fala do enunciador é incorporada e a maneira de dizer atesta a legitimidade do que é dito, conferindo-lhe autoridade. Além de se tratar de uma circunstância dimensional da voz, o *ethos* pode ser considerado determinações físicas e psíquicas que são essenciais para a construção ética da imagem do enunciador.

Em linhas gerais, o *ethos* é tido como objeto secundário no discurso: deve ser apontado pelo público. Logo, o *ethos* discursivo se diferencia dos atributos “reais” do locutor. No entanto, Charaudeau (2006) lembra que é possível existir um sujeito que se constrói por meio de uma identidade discursiva, a qual pode estar relacionada à sua identidade social.

Sendo assim, Charaudeau (2006) distingue dois tipos de identidade do sujeito: a social e a discursiva. A identidade social é pré-construída e está relacionada às práticas sociais. Em parte, ela é determinada pela situação de comunicação, mas pode ser reconstruída, mascarada ou deslocada no e pelo discurso.

## O *ethos* jornalístico

A respeito da constituição da representação de si, é interessante levar em consideração as condições de credibilidade e captação às que se refere Charaudeau (2006). Para construir uma imagem de sinceridade, as afirmações do sujeito precisam ter valor de verdade, pois é necessário que ele defenda uma imagem de si (um *ethos*) que pareça ser de sinceridade.

Essa ideia pode ser relacionada aos conceitos defendidos por Benetti e Hagen (2010), que traçam algumas características do *ethos* jornalístico. Segundo os autores, a credibilidade e a legitimidade sustentam o imaginário profissional que configura o *ethos* do jornalista. Já de acordo com Berger (1996), a fidelidade entre relato e fato é o aspecto fundamental do imaginário social sobre o que deve ser jornalismo – sendo esta fidelidade o que sustenta a credibilidade.

Em torno desta crença nuclear, movimentam-se as crenças de que o jornalismo: orienta-se pelo interesse público, e não pelo interesse privado dos veículos; é capaz de identificar a relevância e a irrelevância dos fatos; narra o que importa saber sobre o presente social; faz uso das fontes mais aptas e confiáveis; conhece as necessidades e os interesses do leitor. São basicamente essas crenças que permitem ao jornalismo estabelecer, no contrato de comunicação, suas finalidades. É também no horizonte dessas crenças que se pode compreender “quem diz” (BENETTI & HAGEN, 2010, p. 125).

Correia (2009), por sua vez, também concorda que muitas vezes a imagem de si pode ser atrelada aos valores éticos da profissão. Além disso, vale lembrar a respeito do ideal da objetividade e imparcialidade que também rege o caráter imaginário em torno da figura do jornalista.

Ainda de acordo com Benetti e Hagen (2010), é importante lembrar a relação entre jornalista e leitor, pois

como a distribuição do poder de dizer entre jornalistas e leitores é assimétrica, o jornalista tem espaço e oportunidade para afirmar, reiteradamente, o papel que julga desempenhar ou quer que o outro acredite que ele desempenha. Essas representações, ditas e reditas como verdades ao longo do tempo, constroem o ethos jornalístico (BENETTI & HAGEN; 2010, p. 125).

Além disso, Benetti e Hagen (2010) ainda ressaltam que, no caso do jornalismo, a identidade se constrói institucionalmente. Logo, “a voz jornalística é, antes de qualquer coisa, uma voz institucional”.

Sendo assim, institucionalmente, o jornalismo se apresenta como “um lugar de independência, profissionalismo, compromisso com o leitor e defesa da democracia” (BENETTI & HAGEN, 2010, p.125). Logo, a identidade do jornalista, como profissional, está assentada sobre essa representação institucional – a qual se apresenta como uma “realidade objetiva”.

## O ethos do correspondente de guerra e a imagem de si do veículo comunicacional

Partindo de uma primeira análise, é possível observar a relação que Benetti e Hagen (2010) traçam entre o jornalismo e seu ethos enquanto instituição por meio das estratégias de legitimação e captação – as quais não estão apenas presente no discurso em si do correspondente, mas também do próprio jornal.

Mais especificamente, o primeiro elemento que pode colaborar na constituição do ethos do correspondente de guerra é a denominação que recebe de seu próprio veículo comunicacional. A Folha de S.Paulo não utiliza o termo “correspondente”, mas sim “envia-

do especial”, destacando o local específico em que se encontra – geralmente até mesmo em evidência na página, como no subtítulo, conforme pode visto em: “Enviado especial da Folha atravessa campo de batalha durante ofensiva e escapa de tiros ao deixar a cidade”<sup>4</sup>.

A reportagem, da autoria de Leão Serva, é acompanhada por um box intitulado “Correspondente volta a Londres”, em que diz:

O correspondente da Folha em Londres, Leão Serva, foi o primeiro jornalista brasileiro a chegar à Ex-Iugoslávia, depois que o conflito se alastrou para Bósnia. Deixou Londres no dia 18. Esteve em Zagreb (Croácia) e Bihac (Bósnia). Em seguida, foi a Split (Croácia), onde juntou-se a um comboio da ONU para Sarajevo. Retornou a Split e Zagreb e voltou a Londres na última quinta, a tempo de cobrir a conferência internacional pela paz na Ex-Iugoslávia<sup>5</sup>.

Como pode ser observado, além de identificar o repórter, o jornal expõe uma parte de seus bastidores na cobertura da guerra – o que, mais uma vez, pode atrair a atenção do leitor, em busca de renome. Em relação ao *ethos* do jornalista em si, é possível que seja relacionado ao seu esforço para cumprir o seu dever profissional mesmo estando em zonas de perigo.

Porém, algumas vezes, não é citado o nome do correspondente: “Folha constata que os primeiros bombardeios pegaram a cidade despreparada para o conflito; “Essa barulheira deve ter tirado o fôlego de Alá e do profeta lá no céu”, disse à *Folha* um faxineiro que não quis dar o nome”<sup>6</sup>. Neste caso, o jornalista recebe o nome de seu jornal como identidade, uma vez que está o representando no local do conflito. Esse fato pode ser associado às estratégias de legitimação e captação, uma vez que o veículo visa mostrar que possui autoridade no assunto, pois tem um contato direto com a realidade relatada – criando, então, uma representação de si ao se apropriar do discurso do correspondente.

Sendo assim, o leitor não apenas cria um *ethos* à figura do correspondente de guerra, mas também ao jornal o qual representa, sendo esse *ethos* associado a uma relação de credibilidade e alteridade que fundamentam o *ethos* jornalístico. No entanto, vale ressaltar que essa prática do jornal não configura exatamente um “apagamento” da imagem do correspondente, já que “as marcas do jornalismo como instituição se misturam às marcas de subjetivação deste ou daquele jornalista, desta ou daquela revista, para modelar um forte discurso de auto-representação” (BENETTI & HAGEN, 2010, p.126).

Além disso, é possível dizer que o ato do jornal de identificar o correspondente como seu “enviado especial” configura um *ethos* pré-discursivo ao jornalista: o público pode criar de imediato a imagem de um autor que esteve presente no local onde o fato relatado ocorreu, conferindo-lhe autoridade em seu discurso. Aliás, esse *ethos* pré-dis-

4 Publicado no jornal Folha de S.Paulo, na edição do dia 29 de agosto de 1992, Ano 72, N° 23.159, na editoria “Mundo”, p. 2-12.

5 Publicado no jornal Folha de S.Paulo, na edição do dia 29 de agosto de 1992, Ano 72, N° 23.159, na editoria “Mundo”, p. 2-12.

6 Publicado no jornal Folha de S.Paulo, na edição do dia 21 de março de 2003, Ano 83, N° 27.015, na editoria “Mundo”, na subeditoria “Ataque ao Império”, p. A 15.

cursivo será confirmado por meio do discurso do jornalista em seguida, o qual utilizará estratégias para assegurar que realmente experimentou a realidade relatada. Além do mais, vale se lembrar dos elementos visuais, como as fotografias, que sustentam a configuração do *ethos* jornalístico em relação à credibilidade – como algumas vezes em que o próprio correspondente aparece na fotografia em meio ao local descrito na narrativa.

Logo, é possível observar certa transição entre o *ethos* prévio e o *ethos* discursivo. Conforme mencionado, o jornal, além de constituir sua representação de si, auxilia na criação do *ethos* prévio, sendo que o público poderá consolidar esse *ethos* em seguida, ao ter contato com o discurso do próprio jornalista.

## O *ethos* do correspondente de guerra em si

A descrição é uma das características mais significantes do jornalismo de guerra, principalmente no que se refere a um meio impresso. Geralmente, as descrições são minuciosamente detalhadas, proporcionando ao leitor uma visão do ambiente do conflito e, também, uma dimensão de sua gravidade, principalmente quando é relatado o número de mortos, feridos e refugiados, e a vida dos civis em meio à guerra.

Isto é Sarajevo, uma cidade com a população de Campinas (SP), com uma planta fina e comprida – pressionada ao Sul e ao norte por duas filas de montes altos como o Pico do Jaraguá. A cidade separa os morros, formando um vale com cerca de 3 km. Os sérvios dominam os morros ao sul, o que faz dos moradores reféns de seus artilheiros. Em toda a volta da cidade, uma faixa de 20 km a 30 km é dominada pelas milícias separatistas sérvias. No caso, o papel clássico se inverte: a noção de separatismo normalmente se aplica a alguém que domina uma parte menor e quer romper a união. Aqui, uma porção minoritária da população (são 30%) controla após quatro meses de guerra civil 70% do território<sup>7</sup>.

No trecho acima, Leão Serva toma um cuidado para detalhar precisamente a cidade que foi o palco da Guerra da Bósnia, fazendo até mesmo comparações com a geografia brasileira, a fim de proporcionar um melhor entendimento ao leitor, assim como provocar uma espécie de aproximação com o ambiente da guerra. Além disso, o jornalista explica a questão do separatismo que provoca a tensão por meio de elementos que também facilitam a compreensão do leitor.

Com isso, é possível dizer que, ao relatar descrições precisas e detalhadas, leitor pode dar legitimidade e credibilidade ao discurso do correspondente, relacionado ao fator de verossimilhança com o real. Assim, acredita-se que o autor realmente esteve no local, tendo contato direto com a notícia – cria-se, então, um *ethos* discursivo de autoridade; ou seja, um *ethos* de quem vivenciou na experiência para ter domínio do assunto.

<sup>7</sup> Publicado no jornal Folha de S.Paulo, na edição do dia 29 de agosto de 1992, Ano 72, N° 23.159, na editoria “Mundo”, p. 2-12.



Esse fato se refere aos ideais e táticas de apuração que sustentam o *ethos* jornalístico em sua prática. Com isso, nas narrativas de guerra, é comum encontrar relatos de fontes que também tiveram contato direto com a realidade do conflito – e o uso de suas declarações no discurso do jornalista sustenta ainda mais a questão da verossimilhança.

Os migrantes dormem em barracas montadas no pátio pelo Exército e se alimentam graças a doações. “Estou aqui há três dias. Não vejo a hora de ir embora”, diz Rusfala Abolshekri, de Bangladesh, observando com ar de curiosidade por adolescentes locais (...). É comum ouvir em Dehiba elogios ao ditador líbio, Muammar Gaddafi. “Ele deu tudo aos líbios. Não sei por que estão irritados contra ele”, diz Anuar Belkahia, 27<sup>8</sup>.

No entanto, na reportagem de guerra, os ideais da objetividade e imparcialidade que configuram o imaginário do *ethos* jornalístico não são propriamente seguidos. Utilizando a primeira pessoa, Leão Serva, por exemplo, descreve os acontecimentos do conflito baseado em suas próprias impressões que, por sua vez, estão ancoradas em seus valores em relação àquela realidade vivida em campo, conforme pode ser observado em:

Isso é a Bósnia. Uma espécie de obra de ficção política. Um país exilado dentro de sua própria capital (e de outra pequena cidade ao norte, Bihac, que a Folha visitou uma semana antes; é tudo). Uma nação que mal controla 10% do território que reivindica. É ficção do mais puro horror<sup>9</sup>.

Na reportagem, o autor utiliza a primeira pessoa para descrever a experiência que passou em meio a um tiroteio, o que reforça ainda mais a ideia da subjetividade em seu discurso.

Os soldados nos levaram ao comando local. Também eles estavam convencidos de que aquele não era um bom dia para jornalistas cruzarem a área. Seguimos seu carro. O guarda estacionou. Parei à sua frente. Nem cheguei a desligar e ouvi aquele barulho estranho de assobio sem música. Três tiros cruzaram o ar perto do carro; um deles bateu nas folhas da árvore logo acima da capota. Pé na tábua até esconder o carro. Foi a segunda prova de que os bósnios avançavam. Seus atiradores já podiam ver as janelas do comando sérvio em Ildiza<sup>10</sup>.

É interessante observar, também no trecho acima, o estilo narrativo adotado pelo autor: os fatos ocorridos são colocados em uma ordem cronológica em períodos curtos, o que impacta na leitura da narrativa, fazendo com que o leitor crie uma visualização da cena e sentindo que está inserido nela, pois está acompanhando a visão do jornalista diante do fato relatado. Neste caso, o jornalista constrói uma imagem de si baseada na ideia de que realmente vivenciou o cotidiano da guerra e sentiu os seus efeitos, colocando sua vida em risco em nome de sua profissão.

<sup>8</sup> Publicado no jornal Folha de S. Paulo, na edição do dia 5 de março de 2001, Ano 91, N° 29.921, na editoria “Mundo”, p. A10.

<sup>9</sup> Publicado no jornal Folha de S. Paulo, na edição do dia 29 de agosto de 1992, Ano 72, N° 23.159, na editoria “Mundo”, p. 2-12.

<sup>10</sup> Publicado no jornal Folha de S. Paulo, na edição do dia 29 de agosto de 1992, Ano 72, N° 23.159, na editoria “Mundo”, p. 2-12.

Com isso, é possível dizer que o *ethos* discursivo pode ser observado por meio do estilo narrativo, o gênero e os elementos textuais selecionados pelo enunciador para transmitir seu discurso. Ou seja, mesmo utilizando a terceira pessoa, o correspondente deixa os rastros de sua subjetividade por meio dos adjetivos, comparações, figuras de linguagens e entre outros elementos utilizados para descrever aquilo que presenciam no campo de batalha – refletindo, conseqüentemente, suas impressões e valores. Essa ideia, que confere legitimidade ao *ethos* do autor, pode ser observada nos dois trechos a seguir, dos correspondentes Sérgio Dávilla e Samy Adghirni, respectivamente.

Bagdá acordou ontem arrancada da cama por uma realidade que vinha até então se negando a enxergar: a guerra está aqui na porta. Depois da sacudida provocada pelo espocar dos mísseis norte-americanos e das baterias antiaéreas iraquianas, cujo o ruído lembra os rojões da entrada em campo de um time brasileiro de futebol elevados à enésima potência, os bagdalis começaram a tomar providências concretas em busca da sobrevivência<sup>11</sup>.

A vida na pacata Dehiba, cidadezinha cravada nos confins do Saara tunisiano, foi desfigurada pelo tumulto pela vizinha Líbia. (...) A situação no país vizinho ecoa em todos os cantos da cidade. Blindados do Exército tunisiano passaram a circular diariamente pelas ruas. Militares são os principais clientes dos únicos três restaurantes. (...) O único centro de lazer da cidade, a Casa da Juventude, foi transformado em abrigo para os trabalhadores braçais estrangeiros que fugiram da Líbia e esperam ser repatriados a seus países de origem a partir da Tunísia<sup>12</sup>.

Nos trechos destacados como exemplos até então, é possível também observar certo apelo à emoção do leitor, o que se denomina como *pathos*. Segundo Charaudeau (2006), o *pathos* pertence ao domínio das paixões, correspondendo ao envolvimento e ao convencimento do interlocutor ao atingir seus valores e emoções.

Um passeio pela cidade mostrava que a população se preparou como podia para uma guerra que é a mais rica e avançada tecnologicamente da história, mas apenas do lado de lá do front. Preparou-se mal, pois não há dinheiro. As barricadas de sacos de areia feitas nas esquinas, que finalmente começaram a aparecer, são mambembes e mal planejadas. As trincheiras cavadas pelos cidadãos a pedido do ditador Saddam Hussein são rasas e de cortar o coração pela ingenuidade e ineficácia<sup>13</sup>.

Logo, pode-se dizer que a constituição do *ethos* do correspondente de guerra possui uma relação com um possível efeito patêmico provocado no leitor. Aliás, principalmente quando os jornalistas relatam sobre os refugiados e os horrores da guerra, transmitindo suas impressões em meio à violação dos direitos humanos, o que pode ser associado à ética que gira em torno do *ethos* jornalístico – ou seja, do imaginário de “guardião da

11 Publicado no jornal Folha de S. Paulo, na edição do dia 21 de março de 2003, Ano 83, N° 27.015, na editoria “Mundo”, na subeditoria “Ataque ao Império”, p. A 15.

12 Publicado no jornal Folha de S. Paulo, na edição do dia 5 de março de 2001, Ano 91, N° 29.921, na editoria “Mundo”, p. A 10.

13 Publicado no jornal Folha de S. Paulo, na edição do dia 21 de março de 2003, Ano 83, N° 27.015, na editoria “Mundo”, na subeditoria “Ataque ao Império”, p. A 15.

cidadania”, que tem como dever denunciar quando os direitos e a vida dos cidadãos são violados.

Assim sendo, o correspondente de guerra, por meio de suas narrativas, pode também transmitir um *ethos* de quem colocou sua vida em risco em nome de seu dever para revelar os horrores que assolam a humanidade em tempos de conflito.

### Considerações finais

Por meio desta análise, foram observadas as estratégias que garantem a credibilidade e legitimidade que sustentam o *ethos* discursivo do jornalista de conflitos armados – ou seja, o *ethos* de alguém que realmente sentiu a guerra em sua experiência –, além da constituição de uma imagem de si relacionada ao dever de revelar as “verdades” e horrores da guerra à população.

Além disso, na reportagem de guerra, o jornal enquanto instituição também pode ter seu *ethos* constituído por meio das estratégias editoriais utilizadas para divulgar o discurso de seu correspondente, identificando-o como seu representante local – em outras palavras, a imagem de si do jornal e a do repórter se fundem em um primeiro momento, já que, em seguida, o discurso do jornalista pode revelar especificamente a sua imagem de si.

O conceito em torno do *ethos* discursivo também merece uma observação. Pois, a identidade do autor, no jornalismo de guerra, não é apenas aquela construída no discurso. Mas sim aquela construída no real, na vivência de um determinado cotidiano, sendo transferida em seguida para o discurso.

Ou seja, as fronteiras entre *ethos* discursivo e o “*ethos* real” do enunciador se aproximam, uma vez que o *ethos* discursivo se constrói a partir da experiência do correspondente de guerra, a qual pode ser identificada por meio de suas marcas de subjetividade em seu texto. Aliás, segundo Charaudeau (2006), é válido considerar a existência de um sujeito que se constrói através de uma identidade discursiva, sem deixar de considerar que essa identidade esteja estritamente relacionada à sua identidade social.

Então, pode-se dizer que o *ethos* do correspondente de guerra possa ser projetado com base em suas experiências vividas que são refletidas por meio de suas estratégias discursivas.

## Referências

- ADGHIRNI, Samy. Conflito acaba com tranquilidade de cidade na Tunísia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 05 mar. 2011. Mundo, p. A10.
- AMOSSY, Ruth (Org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BARTHES, Roland. L'ancienne rhétorique. Aide-mémoire. In: **Communications**, n. 16, 1970.
- BENETTI, Marcia; HAGEN, Sean. Jornalismo e imagem de si: o discurso institucional das revistas semanais. **Estudos em jornalismo e mídia**. Florianópolis, v.7, n.1, 2010.
- BERGER, Christa. Em torno do discurso jornalístico. In: FAUSTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
- CARVALHO, Élvio da Silva. **Jornalismo de Guerra: O caso da Imprensa Portuguesa**. 2013. 117f. Tese (Mestrado em Jornalismo) - Instituto Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã. 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CORREIA, João Carlos. O ethos jornalístico: da técnica à reflexão crítica. **Verso e Reverso: Revista da Comunicação**. Porto Alegre, v. 23, n. 54, 2009.
- DÁVILLA, Sérgio. Bagdá, afinal, acorda para a guerra. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 de mar. 2003. Mundo, p. A15.
- KEPPLINGER, Hans Mathias. Instrumental Actualization: A Theory of Mediated Conflicts. **European Journal of Communication**. Vol. 6, No. 3, 1991.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana. **Ethos discursivo**. São Paulo. Editora Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Unicamp & Pontes, 2002.
- MITCHELL, Bill. When a Journalist Goes to War. Disponível em <<https://www.poynter.org/uncategorized/4295/when-a-journalist-goes-to-war>> . Acesso em 10 ago. 2017.
- SERVA, Leão. Diário de guerra revela horrores de Sarajevo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 ago. 1992. Mundo, p. 2-12.